

O apotrópico paladar da submissão: mulheres.

Fahir Victor Corrêa de Sá, Isabel Cristina Vieira Coimbra, Tatiana Lima Boletini.
Universidade Federal de Minas Gerais, fahirvictordd@gmail.com.

Resumo

Com o acertante viés em provar todas as hodiernidades vividas pelas mulheres e em fases antigas da história humana, objetiva-se determinar as consequências sofridas pela construção estereotipada das mulheres, sejam elas cis-gênero ou transexuais, e porque se problematiza a constantes estabelecidas. Vale destacar que um dos principais objetivos do trabalho é destruir o prevalecer de qualquer estereótipo ou preconceito estrutural tanto nos bailarinos, quanto espectadores, sobre os feitos e papéis da mulher na história e no dia a dia. Através do método artístico investigativo tendo como inspiração Pina Bausch, de experimentação das danças: contemporânea, urbana, clássica e popular. Realizou-se uma série de aulas guiadas durante 6 meses com a intenção de ensinar um grupo de estudantes os valores supracitados. Prevalece-se a exacerbada promoção do contexto social midiático de mudança intelectual sobre o papel da mulher na sociedade. Resultando a consecutiva conscientização pública mediante questionários dos alunos participantes do projeto, promoção e reação do público ao presenciar a vídeo-dança espetáculo apresentado pelos mesmos alunos, retratando os temas trabalhados, perspectivas de diferentes mulheres estudadas como Margaret Atwood, Marielle Franco e Maria Madalena. Conclui-se a imersiva resultante da construção da coreografia “Mulheres” composta de improvisações guiadas e sequências inspiracionais coreografadas que atingiram as influências coercitivas das mulheres visualizando como as ações do passado ainda promulgam na sociedade hodierna, flexibilizando e aumentando a consciência moral, auto estima e sororidade feminina.

Palavras-chave: mulheres, aulas, dança, sororidade, experimentação.

Introdução

Durante todo o percurso histórico, a mulher sempre foi julgada como mero objeto patriarcal, sem direitos à liberdade, fatores econômicos e sociais. Analisando Diemer (2020), destaca-se que isso acontece desde o início dos tempos, até presentemente, que ademais de

existirem leis e conscientizações mais liberais, ainda existem ramificações estruturais do papel da mulher na sociedade, o que precede o fato de toda mulher ter pensamentos inerentes sobre seus papéis, os quais, em tese, são papéis que gênero não deveria ser tópico de seleção, desde o mais simples como lavar uma roupa, até maiores, como liderar uma nação.

A influência feminina de personagens importantes do contexto bíblico dentro da sociedade medieval e histórica, como a criação de Eva, “a mãe de todos os viventes” (Moisés 4:26), primeira mulher existente, o impacto de sua criação e de onde ela veio e de Maria Madalena, mulher objetificada por suas ações e emoções.

Em o Conto da Aia, livro de Margaret Atwood (1985), a mesma desenvolve uma sociedade patriarcal onde as mulheres são objetificadas como instrumento reprodutivo, sem liberdade de expressão, direitos de vivência, educação, saúde ou qualquer acesso mínimo para um ser humano conseguir-se desenvolver autonomicamente.

Analisando a síntese de Mikann (2021), para Gilead - regime instaurado - as mulheres eram apenas donas de casas, onde se tornaram tão insignificantes que não podiam mais ter acesso à leitura, ou expor seus pensamentos, nem mesmo as mulheres dos líderes, na história, tinham permissão para ler somente os homens, até mesmo a bíblia, os quais justificavam seus novos costumes e pensamentos que eram proibidos por eles.

“Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sob sua barriga [...] minha saia vermelha é puxada para cima da cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo...” (Atwood, 1985, pp. 114-115).

Conforme Ramalho (2017), esse método era uma forma de manipular a mulheres, e não as deixar terem informações sobre o mundo exterior. Pelo exposto, nota-se que privar as mulheres da leitura era uma estratégia de se manter no poder, pois sabemos como a leitura e a informação são fonte de libertação e motivos para impulsionar uma sociedade com opções que não seja só aquela dada pelo novo governo. “Mulheres ajoelhadas chupando pênis ou armas, mulheres amarradas ou com coleiras de cachorro ao redor do pescoço, mulheres penduradas de cabeça para baixo, nuas, com as pernas abertas, mulheres sendo estupradas, surradas, mortas.” (Atwood, 1985, pp. 144-145).

Em um contexto mais atual, releva-se a crítica social da música de Tássia Reis (2019), “Me dão parabéns mas querem meu fim. Querem meus bens, me querem refém, e eu sou quero meu gin. Só pensam que minas como eu são para servir”.

A partir da visão e perspectiva de Zolin (2009), a conexão artística e cognitiva da condição da imagem feminina é refletida através das obras literárias canônicas, as quais

representam a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa, entre outros. Sendo que a representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva, a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia.

O conceito da elaboração de aula e composição coreográfica do projeto “Oficina de Dança Estilo Livre”, visa, de fato, a relatividade adversa à buscas ao contexto vinculado a exposição da mulher em diferentes relações. Como objetivo da modalidade, inerte ao tema supracitado, a experimentação de corporeidades motoras e psíquicas na dança, baseando-se em “Café Müller” (Bausch, 1978), é a coreografia que gerou inspiração para o percurso de improvisação e coreográfico das sequências, movimentando-se em vários estilos já estudados como contemporâneo, danças urbanas e o ballet.

Objetivo

Realizar a produção coreográfica, através das experimentações de corporeidades motoras e psíquicas na dança, baseando-se em “Café Müller” uma coreografia que gere inspiração para o percurso de improvisação e coreográfico das sequências do vídeo dança.

Metodologia

A condição teórica da busca inerente pela conexão dos bailarinos com a temática introdutória se baseia nas fontes já citadas, o livro “O Conto da Aia”, por exemplo. O livro a todo o momento transpira ideias de uma sociedade patriarcada onde a mulher sempre foi julgada, sendo impedida de mostrar as partes do corpo em público, conversar abertamente, ou olhar para cima. Para isso, as ‘aias’ utilizavam roupas vermelhas longas e uma bandana branca para tampar o olhar, já que os comandantes, ditavam poder tirar roupa apenas por seus desejos sexuais.

Como segunda condição teórica, Maria Madalena, personagem bíblico, uma imagem feminina que, apesar de ser uma prostituta, é perdoada por seus pecados.

Posteriormente, a última condição teórica, temos o estudo de caso da personagem feminina da história brasileira, Marielle Francisco da Silva, socióloga, ativista e política brasileira. Segundo O Globo (2020), Marielle defendia o feminismo, os direitos humanos, e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes.

Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, no Estácio, Região Central do Rio de Janeiro.

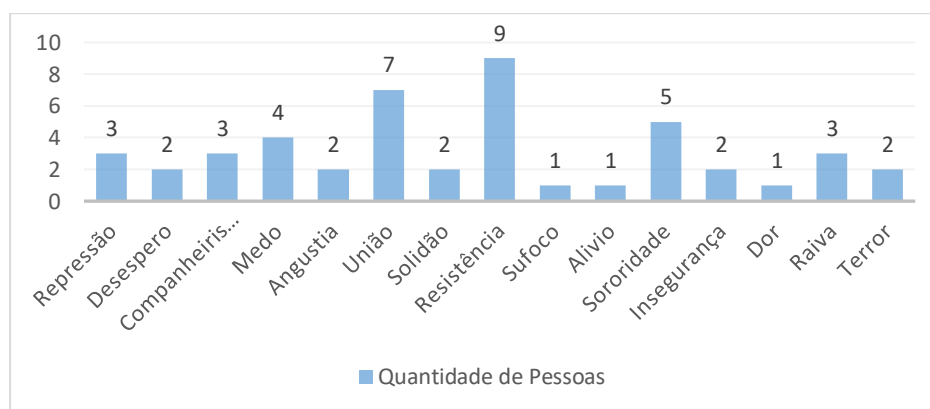
Para a produção coreográfica, os alunos que participaram do projeto passaram por experiências práticas e teóricas sobre o conteúdo de artístico da dança. Inicialmente, foram refletidas em grupo as menções teóricas durante três semanas, passaram-se sequencias de trechos do livro ‘O Conto da Aia’, a fim de persuadir os bailarinos sobre a forma com que as mulheres eram tratadas naquele ambiente. Os trechos mostrados são o ensinamento da copulação entre aia e comandante, onde as aias precisam seguir um ritual específico de como serão copuladas pelos comandantes, mostrado no O Conto da Aia (Atwood, 1985, pp. 103-133)

Além dessa, a cena da forca, onde várias aias pecadoras são enforcadas no mesmo livro no capítulo XIV (Atwood, 1985, p. 246-266) e a cena introdutória capítulo II (Atwood, 1985, p.10), onde mostra o dia a dia das aias, forma de vestir, andar, comunicar e se expressar dentro da sociedade onde vivem.

Para sessão prática, os alunos passaram por experimentações físicas de improvisação guiada, onde foi introduzido a eles, movimentos rígidos e ríspidos restritos, como se estivessem sendo subjugados por comandantes, reprisando inclusivamente, vários movimentos que as aias utilizaram na seita de copulação, descritas nos livros e seguindo o basear de “Café Muller” de Pina Baush.

Já para conscientização, foi solicitado a todos os alunos escrevem em uma folha, as palavras que primeiro vierem em suas cabeças, após a amostragem. Seguindo a lógica que Marielle Franco era uma ativista e buscava resolver problemas sociais, temos as seguintes palavras.

Tabela I. Palavras ditas por cada aluno sobre a experiência vivida ao assistir os temas.



Para representação artística, realizou-se a montagem de uma sequência coreografada, dramaturga e melancólica de contemporâneo, onde os alunos precisavam gritar as palavras enquanto realizavam os movimentos coreografados.

Por fim, como amostragem de Maria Madalena, de maneira mais literal, onde reprisou-se a cena bíblica do filme (Magdalene, 2018), onde um dos bailarinos era o subjugado e apedrejado. Além disso, os bailarinos tiveram que ouvir e dançar ao som de Mary Magdalene de FKA Twigs, uma intérprete que conta a história da Maria Madalena, como e qual é o papel dela na sociedade para todas as mulheres atualmente.

“A woman's, A woman's prerogative, A woman's time to embrace. She must put herself first. A woman's touch, A sacred geometry. I know where you start, where you end, How to please, how to curse” (Twigs, 2019).

Resultados

As condições resultantes dos tópicos abordados e citados em cada um dos itens estudados respectivamente, cada um dos objetivos, foram bem executados pelos bailarinos, que conseguiram inerentemente desenvolver o aspecto artístico muito forte devido as experimentações corporais, improvisos e coreografias. Por fim, foi realizado uma montagem coreográfica, onde foram inseridos, tanto improvisação guiada quanto sequencias coreografadas.

Nessa montagem, tudo aconteceu com um propósito de desenvolvimento, onde transmitiu ao espectador, todas as absorções emotivas que os bailarinos tiveram, ao estudar e aprofundar sobre tema. Iniciou-se com um dos bailarinos no centro do mundo, referenciado ao criador, o patriarcado, rodeado das aias, criando a referência da cena de doutrinação, seguindo a metodologia de preparação. Subsequente, existiu a formatação de cada uma das cenas supracitadas, que foram escritas em ‘O Conto da Aia’ (Atwood, 1985), até finalmente chegar a subjugação de Maria Madalena, onde com uma trilha sonora de energia pesada, os bailarinos, através de uma sequência estendida, gritando as palavras anotadas, conseguiram transmitir a ideia de uma bailarina sendo massacrada, enquanto os outros não à apoiavam. Finalizando com o grito de guerra em defesa a ativista Marielle Franco que, estendidos no final da sequência, tirando seu manto, os quais, representando as aias, seria proibido a amostragem do corpo feminino, realizaram um grito de guerra para apenas confirmar a presença de Marielle Franco entre nós.

Figura I. Resultado da construção coreográfica. Coreografia: Mulheres.



Conclusão

Para a busca temática, todos os bailarinos se propuseram a conhecer as temáticas através de vídeos, leitura de trechos e capítulos do livro, filmes e séries. O intuito era balancear a percepção artística da arte, não somente movimentando o corpo através da dança, mas o mental e emocional ativo, de maneira que ativasse o corpo dançante, tornando as expressões mais intensas.

Além disso, tanto os espectadores que ali estavam assistindo, apresentaram a mesma visão afetada, de qual é o tema dançado, para que e o porquê deve-se falar dele. Ou seja, isso apenas confirma, o real propósito da arte da dança livre, que é criticar, defender, instruir e lutar por direitos sociais, culturais ou políticos.

Conclui-se a imersiva resultante da construção da coreografia “Mulheres” composta de improvisações guiadas e sequências inspiracionais coreografadas que atingiram as influências coercitivas das mulheres visualizando como as ações do passado ainda promulgam na sociedade hodierna, flexibilizando e aumentando a consciência moral, auto estima e sororidade feminina. Podemos dessa forma, finalizar com uma frase: dançar por dançar não levanta um impacto forte, quanto dançar por representar.

Referências

A bíblia. Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008. p. Velho Testamento e Novo Testamento.

Atwood, M. (1985). O Conto da Aia. p.10-37 p. 246-266 p.103-133 p. 144-145 , p. 114-115.

Bausch, P, (1978). Café Müller. Opera House Wuppertal.

Caso Marielle, (2021). Memoriaglobo.

<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/noticia/caso-marielle.ghtml>

Davis, G. (2018). Mary Magdalene. Film4.

Diemer, C. K & De morais, C. S. (2020). Força Feminina: o papel das mulheres na segunda guerra mundial e a redefinição da mulher na sociedade. Salão do Conhecimento, v. 6, n. 6.

Mikann. (2018) A sociedade de the handmaid's tale. - Como funciona a República de Gilead?

Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=eRuna4iP2F4>

Ramalho, K. F. et al. (2017). A influência patriarcal na invisibilidade da violência psicológica sofrida pela mulher.

Reis, T. (2019). Dólar Euro. Próspera. Rio de Janeiro: Tuchê.

Twigs, F. (2019). Mary Magdalene. Magdalene. Nova Iorque: Electric Lady Studio.

Zolin, L. O. (2003). Desconstruindo a opressão: a imagem feminina em A república dos sonhos, de Nélide Piñon. Maringá: Eduem.